

“MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO: ENTRE O SILÊNCIO E A RESISTÊNCIA.

“Maria” by Conceição Evaristo: Between Silence and Resistance

Maria Lúcia Ferreira Nunes¹

Neila Nunes de Souza²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este trabalho analisa o conto “Maria”, de Conceição Evaristo. A pesquisa mostra a relevância da autora na literatura afro-brasileira e como sua escrita serve como denúncia e resistência frente a contextos de exclusão. O estudo busca revelar as possibilidades de resistência simbólica. A metodologia é qualitativa e interpretativa, os resultados mostram que a personagem Maria é retratada como alguém marcado pelo silêncio e pelo descarte social, mas também como uma figura de força e resistência. Assim, a obra de Evaristo reafirma sua importância como instrumento de reflexão sobre desigualdades e como voz de afirmação identitária.

Palavras-chave: Resistência; Conceição Evaristo; mulher negra; Maternidade.

Abstract: This paper analyzes the short story “Maria”, by Conceição Evaristo. The research highlights the relevance of the author within Afro-Brazilian literature and demonstrates how her writing functions as both denunciation and resistance in contexts of social exclusion. The study seeks to reveal the possibilities of symbolic resistance. The methodology adopted is qualitative and interpretative, and the results show that the character Maria is portrayed as someone marked by silence and social discard, but also as a figure of strength and resilience. Thus, Evaristo’s work reaffirms its importance as an instrument of reflection on inequalities and as a voice of identity affirmation.

Keywords: Resistance; Conceição Evaristo; Black women; Motherhood.

Submetido em 06/10/2025

Aprovado em 18/12/2025

INTRODUÇÃO

A leitura é uma das competências fundamentais para o desenvolvimento humano, e desempenha um papel importante no crescimento pessoal e na participação na sociedade. A leitura de textos, em especial os de Conceição Evaristo, dos quais destacamos o conto “Maria” para análise neste trabalho, explora questões sociais e emocionais que contribuem para o desenvolvimento das habilidades emocionais, com isso os leitores se colocam no lugar dos personagens e promovem a empatia. Nesse sentido, Aguiar e Bordini (1988, p. 10) afirmam que:

¹ Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

² Docente do Curso de Letras e PPGLetras da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, mas também através da leitura, quando se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições o que o abre para o outro.

A escritora negra Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, Minas Gerais, segunda filha pelo nome de Maria de quatro filhas, vinda de uma família humilde, criada em bairros periféricos, enfrentou inúmeras dificuldades sociais e econômicas, mas encontrou na educação um instrumento de transformação. Mesmo com as dificuldades vividas na infância e juventude, Conceição cresceu em um lar amoroso que valorizava a educação acima de tudo.

Atualmente é uma das principais escritoras da literatura afro-brasileira do Brasil, Conceição Evaristo é considerada uma das vozes mais importantes da literatura afro-brasileira contemporânea. Ao longo de sua trajetória, publicou 21 obras, entre as quais *Olhos D'Água* (2014), coletânea de 15 contos inspirados em relatos de mulheres negras e pobres. É também responsável pela formulação do conceito de “escrevivência”, que articula a escrita literária com a experiência vivida da mulher negra, revelando histórias invisibilizadas pela sociedade. Para Duarte 2010:

A escrita de Conceição Evaristo inaugura uma nova etapa na literatura afro-brasileira, ao transformar as experiências das mulheres negras em potência estética e política, inscrevendo-as definitivamente no cenário literário nacional.

Sua produção literária enfatiza os dilemas identitários da população afrodescendente e as estratégias de resistência frente à exclusão social e ao racismo estrutural. Como destacam Duarte e Fialho (2021, p. 1), “a descrição da dor, do sofrimento negro e da sua desesperança faz-se de modo incisivo”. Em seus textos, temas como pobreza, exclusão, maternidade, afetividade, violência e resistência emergem como marcas da experiência coletiva de mulheres negras.

Em suas obras literárias, ao dar voz a essas personagens, são abordadas questões como pobreza, exclusão social, racismo, maternidade, afetividade, violência, resistência entre outros. Suas obras retratam situações que fazem parte da vida e cotidiano de milhares de mulheres. Sua literatura traz a representatividade da mulher negra, cultura negra, autoria negra feminina e pobre que procura denunciar as diferenças sociais. Os autores negros sempre trazem questões e dão ênfase a acontecimentos negados a

comunidade Negra em suas literaturas. Para Dalcastagné (2014, p. 299):

[...] a literatura pode dar a ver situações que são tornadas “invisíveis” e, assim, contribuir minimamente para a sua discussão, é importante que sejam inseridas novas vozes, provenientes de outros espaços sociais, em nosso campo literário. Afinal, são essas vozes autorais que podem, efetivamente, acrescentar substância e originalidade à literatura brasileira.

A escrita feminina e negra de Evaristo expõe contradições sociais e reconstrói imaginários, criando espaços que afirmam a perspectiva da mulher negra em sua complexidade. A literatura se torna um lugar de memória, denúncia e independência, revelando histórias negadas pela narrativa oficial. Assim, a obra de Conceição Evaristo representa uma prática de resistência contra o apagamento, fortalecendo identidades coletivas e abrindo espaço para outras vozes no campo literário e social.

Partindo de uma abordagem metodológica qualitativa e interpretativista, o presente artigo tem como objetivo analisar o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, destacando a construção da personagem central entre o silêncio imposto pela marginalização social e a resistência simbólica que se manifesta em sua experiência de vida. Busca-se compreender como a narrativa revela processos de exclusão e invisibilidade, ao mesmo tempo em que evidencia estratégias de afirmação de identidade e resistência diante das desigualdades de gênero, raça e classe. A análise pretende, ainda, situar a obra dentro da tradição da literatura afro-brasileira, evidenciando a relevância de Evaristo como voz de denúncia e resistência.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, centrada na análise do conto “Maria”. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa permite compreender fenômenos sociais complexos, valorizando significados e experiências. Para Flick (2009), a perspectiva interpretativa possibilita captar os sentidos simbólicos presentes nas narrativas literárias. O estudo também é de cunho bibliográfico, fundamentando-se em autores como Aguiar e Bordini (1998), Bourdieu (1999), Dalcastagné (2014), Duarte (2010; 2021), Evaristo (2007; 2015) e Gonzalez (1984). Essa fundamentação teórica possibilita relacionar a obra literária de Evaristo com as discussões sobre raça, gênero, classe e resistência cultural.

A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender experiências pessoais e coletivas de mulheres negras. Essa abordagem permite analisar como a literatura de Evaristo transforma vivências marcadas pelo silêncio, pela pobreza e pela marginalização em narrativas políticas e significativas, reafirmando a importância

da escrevivência como instrumento de resistência e memória social.

A escolha do conto “Maria” se justifica pela relevância da obra de Conceição Evaristo na literatura brasileira contemporânea, especialmente no que se refere à representação da experiência de mulheres negras em contextos de marginalização social. O estudo do silêncio da personagem permite compreender como mecanismos de exclusão e violência simbólica, que Pierre Bourdieu (1999) destaca como sendo a violência invisível e naturalizada, operam na vida de sujeitos historicamente subalternizados, enquanto a dimensão da resistência demonstra a capacidade de afirmação e construção de sentido diante dessas adversidades. Além disso, a análise contribui para a valorização da literatura afro-brasileira como espaço de produção de conhecimento, resistência cultural e memória social, reforçando a importância de discutir questões de raça, gênero e classe a partir da perspectiva das vozes marginalizadas.

A estrutura deste trabalho está organizada do seguinte modo: na primeira seção apresentou-se a importância da leitura para o desenvolvimento, a trajetória de vida da autora e seu reconhecimento na literatura afro-brasileira, dá visibilidade a temas como a pobreza, maternidade, violência, resistência, exclusão e afetividade, mostra que a escrita de Evaristo significa resistência denúncia e memória que fortalece a identidade coletiva. Nos propomos a analisar o conto Maria a partir do silêncio e da resistência, situando o conto na tradição da literatura afro-brasileira e relacionar as questões de gênero raça e classe.

Na segunda seção, explorou-se a descrição geral do conto Maria, que destaca características da protagonista, situando-a na literatura como mulher negra pobre sozinha mãe em condições precárias. Nisso a maternidade negra é vista como uma experiência que é marcada por violência desumanização e exclusão social que menciona o contexto histórico da escravidão mostrando como mulheres negras eram exploradas naquela época.

A terceira seção apresenta o conceito escrevivência, que foi criado por Conceição Evaristo, que nada mais é do que a escrita que vem da experiência e vivência coletiva das mulheres negras. Esse conceito é mostrado na vida da protagonista Maria, e representa as experiências coletivas das mulheres negras e discute temas como maternidade e pobreza e marginalização, mostrando o seu significado simbólico e de resistência cultural.

A quarta seção se inicia com a definição da maternidade Negra, mostrando que essas vivências envolvem violência, resistência, desumanização e abandono, destacando como a maternidade Negra é marcada por desafios sociais e apresentando a contextualização histórica e social da maternidade.

CONTO “MARIA”: ANÁLISE DA NARRATIVA

O conto “Maria”, descreve a trajetória de uma mulher negra marcada pela pobreza, solidão e maternidade em condições precárias. A protagonista, cujo nome sugere uma identidade coletiva, representa muitas mulheres anônimas que enfrentam a marginalização social, onde seu cotidiano é repleto de lutas pela sobrevivência, ausência de apoio e sobrecarga de responsabilidades como mãe. A linguagem é fundamental como instrumento de denúncia social. Evaristo utiliza a escrevivência para dar voz àquelas que a maternidade negra ainda hoje é um assunto muito amplo. A maternidade é uma experiência diferente quando se trata de contexto cultural, social e histórico. Quando se trata de mulheres negras, a maternidade sempre foi caracterizada pela violência e a desumanização, essas mulheres foram submetidas a questões desumanas. As mulheres negras eram usadas para procriação, com o intuito de gerar mão e obra braçal ou serem comercializados, ao dar à luz, a maior parte dessas mulheres e seus filhos morriam por falta de cuidados básicos de higiene, já que davam a luz em senzalas, os poucos que sobreviveram eram levados para longe e comercializados, tornando assim a maternidade uma forma silenciada, já que ao contar a vida de Maria, a autora transforma a experiência individual em expressão de uma memória coletiva, revelando a dor de uma mulher e o contínuo processo de exclusão das mulheres negras brasileiras, mostrando como a literatura pode ser um combate a opressão.

Segundo o documentário Todas podem ser vítimas: o enfrentamento à violência contra a mulher (2019), a violência de gênero é retratada como uma realidade estrutural que atravessa diferentes classes sociais.

O documentário "Todas podem ser vítimas" (UnBTV, 2019) apresenta relatos de mulheres que sofreram violência doméstica, destacando as várias formas de agressão no ambiente familiar. Ele discute a rede de atendimento no Brasil, como delegacias e centros de acolhimento, e mostra a importância dos movimentos feministas no combate à violência de gênero. O filme aborda a intervenção com agressores e destaca a educação como ferramenta de transformação social. Ao dar voz às vítimas, busca alertar sobre os mecanismos de silenciamento da violência doméstica, convidando a sociedade a reconhecer que qualquer mulher pode ser vítima, independentemente de classe, raça ou condição social. O lançamento do documentário enfatizou a intenção de dar visibilidade às histórias de mulheres violentadas e promover reflexões sobre exclusão, desigualdade e os fatores que perpetuam a violência doméstica.

No conto, Maria habita espaços periféricos, físicos e simbólicos, que evidenciam sua posição marginalizada e invisível. Essa invisibilidade, articulada ao silêncio, denuncia a violência simbólica que a mantém à margem, ao mesmo tempo em que reforça a necessidade de registrar sua história como ato de resistência. Os espaços da narrativa reforçam a invisibilidade da personagem. Maria vive em lugares periféricos, distantes dos centros de poder, onde o descaso e a exclusão são naturalizados. Esses espaços são físicos e simbólicos, refletindo sua posição social marginalizada que a impede de ser reconhecida como sujeito pleno. A invisibilidade se articula ao silêncio da personagem, denunciando a violência simbólica que a mantém à margem e ressaltando a importância de registrar sua história na literatura como ato de resistência.

ESCREVIVÊNCIA

Conceição Evaristo, ao desenvolver o conceito de escrevivência, transforma experiências vividas em literatura e política, como destaca Evaristo (2007, p.20) “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”, ou seja, sua literatura criada a partir de sua vivência tem o intuito de incomodar os privilegiados.

O conceito expressa uma escrita que vem da experiência vivida, especialmente das mulheres negras no Brasil. Essa literatura vai além da ficção e estética, fundamentando-se na memória coletiva, na história de opressão e na resistência cultural. A escrevivência conecta corpo, vida e palavra, transformando experiências pessoais e comunitárias em narrativa literária e ato político.

Evaristo afirma que a escrevivência não deve ser lida como histórias para confortar os privilegiados, mas para incomodá-los. Assim, articula a vida de quem escreve à história de quem foi silenciado, dando voz à coletividade e registrando memórias esquecidas, além de denunciar desigualdades estruturais. É um gesto literário que denuncia e resiste, transformando dor em literatura e invisibilidade em presença narrativa.

Esse conceito é evidente na obra de Evaristo, que retrata a maternidade negra, a pobreza e a marginalização. No conto "Maria", a protagonista, uma mulher negra que luta para sustentar seus filhos, reflete a trajetória coletiva de muitas outras mulheres. O cuidado materno se torna um símbolo de resistência e amor diante da adversidade. Ao nomear a personagem "Maria", Evaristo inscreve a experiência de muitas mulheres invisibilizadas, criando um espaço de reconhecimento e afirmação, é um ato discursivo que rompe o silenciamento histórico, descrevendo a maternidade negra como espaço de

luta, transmissão cultural e afirmação identitária. A obra de Conceição Evaristo demonstra como a literatura pode mudar os sentidos, revelando novas possibilidades de leitura e resistência contra práticas sociais excludentes.

Portanto, a escrevivência é mais que literatura; é memória, resistência e afirmação de identidade. Através dela, Evaristo transforma vidas historicamente silenciadas em voz, criando uma escrita engajada com a realidade social e cultural das mulheres negras no Brasil.

A MATERNIDADE NO CONTO

A maternidade negra é um tema amplo e necessário, a experiência da maternidade, influenciada por fatores culturais, sociais e históricos, adquire significados diversos. Para as mulheres negras, essa vivência foi marcada pela violência e desumanização, resultando em sofrimento e resistência. Durante a escravidão, mulheres negras eram usadas como instrumentos de procriação, muitas vezes dando à luz em condições precárias, o que levava à morte de mães e filhos. Os sobreviventes eram frequentemente vendidos, separando-os de suas mães e transformando a maternidade em dor e perda. Apesar disso, a figura materna tornou-se um símbolo de força, pois essas mulheres apoiavam outras famílias e mantinham vivas as tradições culturais. Nesse sentido, Gonzales afirma que:

As mulheres negras foram transformadas em verdadeiras ‘máquinas de reprodução’, forçadas a gerar filhos que, desde o nascimento, já eram considerados propriedade dos senhores. Além disso, eram obrigadas a amamentar e criar os filhos das mulheres brancas, em detrimento dos seus próprios. (GONZALES, 1984, p. 228).

Outro aspecto histórico é a função das mulheres negras de amamentar e cuidar dos filhos das mulheres brancas, muitas vezes deixavam seus próprios filhos para cuidar dos filhos das patroas brancas. Essa realidade persiste, com mães negras, chefes de família, deixando seus filhos para trabalhar em lares de famílias brancas, o que pode levar ao abandono escolar e à inserção precoce no trabalho informal ou criminalidade. Nesse contexto, a maternidade negra é um ato de resistência. Apresentamos na Figura 1, a pintura "Mãe Preta" de Lucílio de Albuquerque, pintor brasileiro do século XIX, Lucílio retrata uma mulher negra amamentando uma criança branca e ao lado seu próprio filho deitado no chão, apresentando assim a exploração das mulheres negras e o rompimento afetivo com seus próprios filhos, mostrando também a importância das mulheres negras na formação da sociedade brasileira, a obra destaca a maternidade e a relação entre as

classes sociais na época colonial, refletindo a busca do artista por documentar a cultura e a sociedade brasileiras.

Figura 1 – Mãe Preta, de Lucílio de Albuquerque, 1912.



Fonte: Albuquerque (1912).

A realidade é que muitas mães precisam deixar seus filhos em casa para trabalhar, com a esperança de oferecer um futuro melhor a eles. Entre longas jornadas de trabalho e muitas responsabilidades, essas mães lutam para garantir educação, alimento e segurança para seus filhos, muitas vezes sem apoio ou ajuda dos parceiros. As mães que deixam seus filhos para trabalhar mostram amor e coragem em cada sacrifício e momento de ausência. Seu esforço diário é uma forma de resistência e dedicação, para garantir oportunidades e dignidade para o futuro de seus filhos.

O Atlas da Violência (2024) mostra que 76,5% das 46.000,49 pessoas assassinadas no Brasil eram pretas e pardas, com jovens representando metade das vítimas, evidenciando como o racismo estrutural expõe mães negras à dor da perda de filhos. Ser mãe negra implica lutar pela sobrevivência em um país que nega dignidade e futuro. A literatura de Conceição Evaristo dá visibilidade a essas experiências silenciadas, apresentando a maternidade como central em sua obra, que representa não apenas a dor, mas também a luta e o amor. Sua escrevivência transforma vidas invisibilizadas em literatura e política, como exemplificado no conto Maria.

A personagem Maria é uma mulher negra que trabalha como empregada doméstica para sustentar seus três filhos. Após um exaustivo dia de trabalho, ela carrega com ela restos de comida da festa da patroa, revelando a violência da desigualdade e o

cuidado materno: Maria se preocupa com o que seus filhos irão gostar, mesmo que algumas frutas sejam desconhecidas para eles. Maria representa muitas mulheres negras que, sem apoio, precisam deixar os filhos para trabalhar, enfrentando jornadas difíceis e condições precárias. Seu maior medo não é a morte, mas o futuro de seus filhos, temendo que eles repitam trajetórias de marginalização, como seu filho mais velho, cujo pai está envolvido no crime.

O conto termina tragicamente: Maria é morta em um ônibus, e a sacola com as frutas se rompe, simbolizando sua preocupação final com os filhos. O contraste entre sua morte brutal e o cuidado materno evidencia a violência enfrentada por essas mulheres, mas também sua resistência diária.

Com seu nome comum, Maria representa a coletividade de mulheres negras e pobres do Brasil. Sua maternidade é marcada por precariedade e medo, mas também por afeto e luta. O conto de Evaristo transforma a maternidade negra em escrevivência, denunciando desigualdades e afirmando a dignidade de uma experiência frequentemente silenciada.

ENTRE O CUIDADO E O SACRIFÍCIO

Maria trabalha como empregada doméstica para sustentar seus três filhos, certo dia ela esperava no ponto de ônibus, que era seu meio de transporte para chegar em casa, em pleno domingo onde acabara de sair muito cansada de seu trabalho, havia tido uma festa e em suas mãos carregava restos de alimentos que a patroa havia lhe dado para levar, o dinheiro ganho naquele dia seria para comprar os medicamentos para os dois menores que estavam gripados. O papel da mãe é crucial, já que em todo o conto a autora dá a entender que Maria é a única provedora do sustento dos três filhos, até hoje essa realidade não é nenhuma novidade.

No domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora (EVARISTO, 2016, p. 39).

O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. Os dois filhos estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remédio de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy (EVARISTO, 2015, p. 39).

Ao longo da história, Maria sempre se preocupa com o fato de os filhos gostarem dos alimentos levados por ela, já que algumas coisas eles nunca haviam comido antes. O conto nos faz refletir sobre os cuidados que as mães têm com os filhos, a preocupação, o carinho, o amor, aquela que cuida de todos e ninguém cuida dela. Em todo momento da história Maria se pergunta se os filhos irão gostar do melão que está levando, já que nunca provaram a fruta. É notório que as mães querem o melhor para seus filhos, é dado a elas desde então a preocupação com o bem-estar, alimentação, segurança, boa educação, acolhimento, felicidade de suas crianças.

O enredo se passa dentro de um ônibus, ônibus esse que Maria pegava todos os dias para ir para casa. Ao entrar no ônibus, um homem se levanta e paga a passagem dele e de Maria, naquele instante Maria o reconheceu. Aquele era seu ex marido, nesse instante se lembrará da época em que viviam juntos, aquele homem que Maria tanto amou e ainda sentia saudades já não estava mais com ela, conversaram, confessaram seus sentimentos e logo após, seu ex homem e comparsa anunciaram o assalto. O conto mostra que Maria tinha medo, não do assalto nem dos assaltantes, tinha medo da vida, do que aconteceria com seu filho mais velho de 11 anos cujo pai era um daqueles assaltantes, Maria não tinha nada a oferecer aos assaltantes além de uma sacola de fruta, um osso de pernil e mil cruzeiros, ao terminar o assalto, os ladrões foram embora, ao perceberem que Maria foi a única que não foi roubada, estava próxima ao assaltante e que teve a passagem paga por um deles, logo a associaram ao assalto. Começaram os xingamentos, acusações e por último o linchamento.

Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha! ... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria.
Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. (EVARISTO, 2015, p. 39).

Ao se deparar com toda aquela situação no ônibus, a personagem Maria só pensava em seus filhos. Segundo o conto a personagem estava com muito medo, não dos assaltantes. Não dá morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com 11 anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O conto nos mostra o medo explícito de Maria, mas não era um simples medo, era medo de que seus filhos tomassem o mesmo rumo de vida que o pai do seu primeiro filho, era medo de como a vida iria tratar os filhos e no que se tornariam, já que todos os dias ela trabalhava duro para sustentar seus filhos que ficavam em casa.

O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus como seria a vida de seus filhos? (EVARISTO, 2015, p. 39).

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex- homem. Por que estavam fazendo isso com ela? Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado...

Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? (EVARISTO, 2015, p. 39).

O fim trágico de Maria retrata a brutalidade da violência e racismo, mostrando como é a vida das mulheres negras, trabalhadoras e mães é marcada pelo silenciamento e injustiças. A protagonista só queria voltar para casa e cuidar de seus filhos, sendo vítima de julgamentos cruéis, tendo sua humanidade negada. A autora retrata o abismo social que transforma o amor e luta de uma mãe em dor e morte, refletindo sobre como a sociedade trata as Marias do cotidiano, mulheres que sustentam o mundo, mas que raramente recebem apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto "Maria", de Conceição Evaristo, destaca como a literatura serve como espaço de denúncia, memória e resistência. A trajetória da protagonista, marcada pelo silêncio e pela invisibilidade social, representa não apenas uma história individual, mas a vivência coletiva de mulheres negras que enfrentam o racismo estrutural e desigualdades de gênero e classe.

O conceito de escrevivência, central na obra de Evaristo, é fundamental para entender a literatura afro-brasileira como um instrumento político e cultural. Ao transformar experiências de dor e resistência em narrativa, a autora inscreve vozes historicamente silenciadas e reafirma a dignidade de uma experiência coletiva.

O conto "Maria" reforça a importância da literatura como prática de resistência, revelando a complexidade da maternidade negra, que é um espaço de sofrimento, luta, afeto e esperança. A obra denuncia a violência simbólica e material enfrentada por mulheres negras, ao mesmo tempo que afirma sua força e capacidade de ressignificar trajetórias silenciadas. Assim, a literatura de Conceição Evaristo contribui para a construção de novos sentidos culturais e sociais, reconhecendo a experiência da mulher negra como central na narrativa brasileira contemporânea. Seu trabalho problematiza desigualdades e oferece possibilidades de transformação, afirmando que registrar essas vozes é um ato de resistência e preservação da memória coletiva.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Bordini, Maria da Glória: Literatura: A formação do leitor: alternativas Metodológicas / Vera Aguiar Teixeira e Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ALBUQUERQUE, Lucílio de. Mãe Preta. 1912. Óleo sobre tela, 100 x 80 cm. Museu de Arte da Bahia, Salvador, BA.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, p. 289-302, jul./dez. 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **FIALHO**, Elisângela Lopes: Conceição Evaristo: literatura e identidade. Agosto de 2021.

EVARISTO, Conceição. Maria. In: _____. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2015

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: escrevivência. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FLICK, Uwe. Métodos de pesquisa: introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **SILVA**, Luiz Antonio (org.). Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 228.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Atlas da Violência 2024. Brasília: IPEA, 2024.

MINAYO, M. C. S. (2001). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade (14ª ed.). Petrópolis: Vozes.

RÁDIO SENADO: Pessoas negras são maioria das vítimas de homicídio, revela Atlas da Violência. Alexandre Campos. São Paulo. 24 de Junho 2024.

TODAS podem ser vítimas: o enfrentamento à violência contra a mulher. Direção: Daniele Gruppe. Produção: Ministério Público do Estado do Ceará. Fortaleza: MPCE, 2019. 1 vídeo (26 min.), son., color. Documentário.